

“Para se reabilitar é preciso haver muito conhecimento do construído”

Um bom processo construtivo tem que englobar um profundo conhecimento dos sistemas construtivos anteriores e de todos os materiais. Só assim é que se perceberá que o ponto principal da reabilitação é a obra.

É impossível dissociar a fundação da LEB – Consultoria em Betões e Estruturas do percurso de Thomaz Ripper, sócio fundador e responsável técnico da empresa. A chegada a Portugal deste engenheiro brasileiro deu-se porque “fui desafiado por um amigo que era consultor na Danish Hidrology Institute e que em 1984 fez um caderno de encargos para trabalhos de reabilitação estrutural em betão armado na Guiné-Bissau, onde inclui a execução de betão projectado. Foi a Somec, uma empresa portuguesa, que ganhou o concurso e interessou-se por quem tinha feito o caderno de encargos, já que em Portugal não era utilizado o betão projectado. Queria ter uma experiência fora do Brasil, principalmente na Europa, porque todo o engenheiro aprende conhecendo outros sistemas construtivos e outros materiais. A Somec decidiu criar uma empresa de reabilitação e vim como responsável pela parte técnica, ou seja, de toda a parte de concepção do projecto e de definição dos processos executivos e respectivos sistemas de controlo de qualidade”, relembra Thomaz Ripper.

A oportunidade de efectuar diversos cursos e trabalhos noutros países, permitiu ao sócio fundador da LEB perceber que o que realmente interessa é a obra e que “o projectista tem que ter a humildade de saber tornar uma obra confortável. Para isso, deve fazer experiências novas e mexer com os materiais que recomendou para ver quais são as dificuldades. O facto de ter trabalhado noutros

países abriu os meus horizontes em dois sentidos. Primeiro como pessoa, porque quando se está noutro mundo adquire-se uma visão global. Depois, como engenheiro já que percebi que o que interessa é que a obra corra da melhor maneira possível”.

O trabalho no grupo Somec foi bastante marcante na vida de Thomaz Ripper, onde conseguiu ver e perceber o funcionamento de todos os intervenientes no processo construtivo e que um projecto de reabilitação se faz simultaneamente no gabinete e no local de obra. Uma obra marcante foi a reconstrução das docas secas da Setenave, um projecto que foi bem conseguido e conduzido por todos os intervenientes e que chegou a ser objecto de estudo em diversas teses de mestrado e doutoramento, para além de ser distinguido como um “Shotcrete Classic” pela ICRI (International Concrete Repair Institute). “As opções do grupo Somec não coincidiam com o que eu esperava e pensei que podia ter uma empresa de consultoria, direccionada para a verificação de conformidades e que juntasse obra e projecto. Chamou-se LEB porque a ideia é que fosse um laboratório de estudos de betões. Pouco tempo depois, deixámos de lidar só com betões e evoluímos de um laboratório para um gabinete de projectos e consultoria. Qualquer que seja a área necessita de ensaios expeditos e é assim que fazemos, para nos ajudar a caracterizar materiais e produtos a utilizar nos nossos trabalhos. Somos oito engenheiros no total e todo o produto que sai daqui é produzido exclusivamente por engenheiros”.

Para Thomaz Ripper, o desenvolvimento da actividade de engenharia, especialmente em reabilitação, tem que aliar uma forte componente de ensino, não só de disciplinas como matemática, física e química, como também de história e dos sistemas construtivos. “Considero um disparate que o ensino da engenharia menospreze os sistemas construtivos e os materiais. Não há engenheiro de construção civil que consiga fazer uma boa obra ou um bom projecto se não conhecer muito bem os sistemas construtivos dos materiais e a sua caracterização em todos os aspectos. Não há engenheiro que possa

exercer a sua actividade se não perceber que o objectivo é a obra. Costumo dizer que os projectos que acabam em maquete não valem nada. Os nossos projectos têm que acabar em obra”, salienta. O empresário refere ainda que a “construção civil é básica, já que é necessária no nosso dia-a-dia. Se a sociedade não valoriza a engenharia é um problema da sociedade e dos engenheiros, porque ainda não a conseguimos valorizar”.

A relação entre arquitectos, engenheiros e donos de obra tem que se basear num comprometimento único entre todos intervenientes, já que se complementam entre si. “A arquitectura é a mãe e as engenharias são as filhas de um processo comum. Na reabilitação, a arquitectura tem a necessidade de estar junto das artes de conservação e restauro. A arquitectura tem uma componente artística que a engenharia não tem, ou não está tão expressa. A engenharia está no cerne e tem que garantir resistência e ser capaz de fazer com que toda a epiderme e a estética que o arquitecto definiu sejam possíveis.

Toda a obra tem de ser de utilidade pública e ir no sentido da sociedade. Em edifícios em restauro, o conservador - restaurador deverá ser o coordenador, para o que necessitará de ter um conhecimento profundo de todas as técnicas, quer as de construção, quer as de acabamento”, comenta.

Thomaz Ripper define-se como um “defensor da reconversão e, em alguns casos, da inserção. Defendo o aproveitamento de espaços, sejam eles urbanos ou não, a inserção controlada de novos edifícios e a exploração desses espaços em convivência com a valorização do património cultural.

Quando se fala em normas de reabilitação europeias, fala-se em normas a que só determinados organismos têm acesso. Não há uma orientação clara de procedimentos e é aí que se deve investir. É necessário mostrar que para se reabilitar precisa haver muito conhecimento do que já foi feito, há que garantir a compatibilidade entre o que se vai introduzir na construção e o que já existe e a melhor conjugação entre ambos”, conclui.

